

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-479-5 DOI 10.22533/at.ed.795191107 1. Educação. 2. Sociedade. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A educação no Brasil e no mundo Avanços, Limites e Contradições” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

De acordo com Feldmann e D’Água (2009, p. 196), “mudar o tempo e o espaço da escola é inserir-se numa perspectiva de mudança das estruturas sociais, tendo como horizonte de possibilidades a transformação de uma sociedade injusta e excludente, em uma sociedade mais igualitária e incluyente”. Mudar nesse sentido, talvez signifique reconhecer que nos espaços escolares é a diferença que faz os seres humanos iguais, ou que pela equidade temos o direito de ser diferentes.

Assim, na atualidade, a escola enquanto instituição social responsável pela aquisição do saber, principalmente, o sistematizado, deve repensar suas práticas, na tentativa de embasar-se numa perspectiva científica para desenvolver uma gama de projetos, mesmo com as dificuldades de materiais e dos profissionais.

As responsabilidades da escola vão além de simples transmissora de conhecimento científico. Sua função é muito mais ampla e profunda. Tem como tarefa árdua, educar a criança para que ela tenha uma vida plena e realizada, além de formar o profissional, contribuindo assim para melhoria da sociedade em questão. Como afirma Torres (2008, p. 29): uma das funções sociais da escola é preparar o cidadão para o exercício da cidadania vivendo como profissional e cidadão. O que quer dizer que, a escola tem como função social democratizar conhecimentos e formar cidadãos participativos e atuantes.

O Estado deve garantir o acesso à educação a todas as pessoas, sem discriminação, respeitar e valorizar a docência, assegurar formação continuada e condições de trabalho satisfatórias. E mais: as liberdades de expressão de ensinar e de aprender, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas que devem se conjugar com as necessidades específicas dos diferentes públicos da educação, contempladas segundo a perspectiva inclusiva e laica, permitindo que a escola se adeque às necessidades e corresponda às realidades de seus estudantes. A qualidade da educação envolve cada um desses critérios e, implica um empenho à favor da promoção da equidade e da diversidade, bem como, o enfrentamento a toda forma de preconceito e discriminação.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A MATERIALIZAÇÃO DA EaD NO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)	
Maria Aparecida Rodrigues da Fonseca Tatiane Custódio da Silva Batista	
DOI 10.22533/at.ed.7951911071	
CAPÍTULO 2	12
A INTERMITÊNCIA (E GOLPES) DA (NA) DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BÁSICA COMO SINTOMA DE PROPOSTA DA NOVA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA	
Alexandre de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.7951911072	
CAPÍTULO 3	23
A PEDAGOGIA SIQUEIRANA E O ENSINO DE QUÍMICA: O USO DA REDE SOCIAL PARA A DIVULGAÇÃO DA QUÍMICA ALÉM DO VESTIBULAR	
Lucas Peres Guimarães Rosane Maria Pinheiro da Silva Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.7951911073	
CAPÍTULO 4	33
A RELAÇÃO ENTRE O PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL(PDI) DO ESTUDANTE E A INCLUSÃO ESCOLAR	
Luhany Ericleide Ponciano Maria Célia Borges	
DOI 10.22533/at.ed.7951911074	
CAPÍTULO 5	42
A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO DE ROBERT GAGNÉ: EXPOSIÇÃO E CRÍTICA	
Djalma Gonçalves Pereira Sandra Maria do Nascimento Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.7951911075	
CAPÍTULO 6	53
ANÍSIO TEIXEIRA COMO PENSADOR SOCIAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A TEMÁTICA FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES	
Rachel Aguiar Estevam do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.7951911076	
CAPÍTULO 7	61
AS NARRATIVAS DOS <i>SABERESFAZERES</i> DE PROFESSORAS DE ESCOLAS DO CAMPO COMO ESTRATÉGIAS NA/PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA	
Elizete Oliveira de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.7951911077	
CAPÍTULO 8	75
AS VOZES DOS INTELLECTUAIS NA FORMAÇÃO DO DISCURSO DA MODERNIDADE EDUCACIONAL EM SANTOS (1890-1920)	
Luiz Henrique Portela Faria	
DOI 10.22533/at.ed.7951911078	

CAPÍTULO 9 85

CEMEFEJA PAULO FREIRE: UMA PROPOSTA SINGULAR DE ATENDIMENTO DE JOVENS E ADULTOS EM PERÍODO INTEGRAL

Luciana Squarizi Andrade de Lima
Mariana de Paula Motta
Ruth Gouveia Dias
Elaine Juliano Pereira
Georgina Vicente
Francisco Jaime Souza
Emídio Claro Neto
Isabel Aparecida Silva
Viviane Gomes Magdal
Maria Olmos Distler
Rosana Alves Santana

DOI 10.22533/at.ed.7951911079

CAPÍTULO 10 95

COLABORAÇÃO E CRIATIVIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

Adriana Clementino Mosca
Cláudia Cristina Moreira de Souza
Silvia Cristina Hito

DOI 10.22533/at.ed.79519110710

CAPÍTULO 11 104

COLEÇÃO NOVO GIRASSOL SABERES E FAZERES DO CAMPO: COMO UM ENSINO MARCADO PELO RESPEITO À DIVERSIDADE?

José Bruno Alves da Cruz
Camila Mota de Fontes
Erinalva Barbosa Franco
Nilvania dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.79519110711

CAPÍTULO 12 116

COMO MELHORAR O DESEMPENHO ESCOLAR COM DIFERENTES ESTRATÉGIAS: PIBID E CHARTER SCHOOLS?

Fernanda Scaciota Simões da Silva

DOI 10.22533/at.ed.79519110712

CAPÍTULO 13 127

DIVERSIDADE CULTURAL E CURRÍCULO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS NA ESCOLA

Miriã Santana Veiga
Ezenice Costa de Freitas Bezerra
Jussara Santos Pimenta

DOI 10.22533/at.ed.79519110713

CAPÍTULO 14 136

DOCÊNCIA VIRTUAL: EMANCIPAR PARA TRANSFORMAR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Magalis Bésse Dorneles Schneider

DOI 10.22533/at.ed.79519110714

CAPÍTULO 15	147
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA COM A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
<p>Simone de Paula Rodrigues Moura Maria Aparecida Fonseca</p>	
DOI 10.22533/at.ed.79519110715	
CAPÍTULO 16	158
ESCOLA FORA DA CAIXA: UMA OUTRA ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO COTIDIANO E PRÁTICAS EDUCATIVAS	
<p>Mariana de Paula Motta Emídio Claro Neto Elaine Juliano Pereira Eliana Camargo Horto Francisco Jaime Alves de Souza Georgina Florêncio Vicente Isabel Aparecida da Silva Luciana Squarizi Andrade de Lima Maria Aparecida Olmos Distler Rosana Alves Santana Ruth Gouveia Dias Viviane Gomes Magdal</p>	
DOI 10.22533/at.ed.79519110716	
CAPÍTULO 17	169
FORMAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE NA DIMENSÃO FREIREANA: PERSPECTIVAS PARA REINVENTAR A VIDA	
<p>Evely Najjar Capdeville Adriana de Castro Amédée Péret</p>	
DOI 10.22533/at.ed.79519110717	
CAPÍTULO 18	176
GESTÃO DEMOCRÁTICA E TECNOLOGIAS - EXPERIÊNCIA DE UM PERCURSO FORMATIVO	
<p>Carmenisia Jacobina Aires</p>	
DOI 10.22533/at.ed.79519110718	
CAPÍTULO 19	192
HISTÓRICO DOS DIREITOS EDUCACIONAIS NAS CONSTITUIÇÕES FEDERAIS BRASILEIRAS	
<p>Evania Martins Guerra Daniel Santos Braga</p>	
DOI 10.22533/at.ed.79519110719	
CAPÍTULO 20	203
ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA E FÉ CATÓLICA: IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL DO BRASIL NO SÉCULO XIX	
<p>Francilda Alcantara Mendes Almir Leal Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.79519110720	
SOBRE A ORGANIZADORA	210

DIVERSIDADE CULTURAL E CURRÍCULO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS NA ESCOLA

Miriã Santana Veiga

Mestranda em Educação Profissional da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Rondônia, Brasil. E-mail: miria.veiga@ifro.edu.br

Ezenice Costa de Freitas Bezerra

Mestranda em Educação Profissional da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Rondônia, Brasil. E-mail: ezenice.bezerra@unir.br

Jussara Santos Pimenta

Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Rondônia, Brasil. E-mail: jussara.pimenta@unir.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar dois relatos de experiências culturais em espaços escolares: a sala de aula e a biblioteca escolar discutidos à luz de currículo e cultura. Na sala de aula, com a inserção da música, e na biblioteca escolar, com o incentivo à leitura, refletimos como nesses dois espaços se dá a dinamização do currículo por meio do fortalecimento de expressões culturais. O trabalho está fundamentado, principalmente, na contribuição de Candau e Moreira (2007) que reconhecem a cultura como um dos principais eixos das práticas pedagógicas; Sobreira (2014) que reflete sobre as conexões entre Educação Musical e o campo do currículo; e Milanese (2002) e Campello (2009) para considerações sobre

a articulação que precisa existir na biblioteca escolar para que se efetive o incentivo ao seu uso e valorização. Nos relatos de experiências constatamos que nas práticas escolares onde a cultura é incentivada, há uma potencialização do ambiente escolar como espaço de ensino e aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Cultura. Biblioteca. Música.

CULTURAL DIVERSITY AND CURRICULUM: EXPERIENCE REPORTS CULTURAL SCHOOL.

ABSTRACT: This article aims to present two reports of cultural experiences in school spaces: the classroom and the school library discussed in light of curriculum and culture. In the classroom, with the insertion of music, and school library to encourage reading, as reflected in these two areas is given the dynamics of the curriculum through the strengthening of cultural expressions. The work is based mainly on the contribution of Candau and Moreira (2007) recognizing culture as one of the mainstays of teaching practices; Sobreira (2014) that reflects on the connections between music education and curriculum field; and Milanese (2002) and Campello (2009) for consideration of the relationship that must exist in the school library

to be made effective incentives to its use and recovery. The experience reports found that the school practices where culture is encouraged, there is a potentiation of the school environment as a teaching and learning space.

KEYWORDS: Curriculum. Culture. Library. Music.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre dos conceitos de currículo, currículo oculto, cultura e articulados à relatos de experiências culturais, na música e na biblioteca escolar, mostrando que é possível inserir projetos de incentivo à leitura e a educação musical, que hoje faz parte do currículo escolar para a Educação Básica. Cabe ressaltar que as experiências em educação musical tiveram como base a observação de alunos estagiários do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A experiência em Biblioteca Escolar destaca as ações verificadas em duas campanhas de arrecadação de livros de literatura, desenvolvidos pela equipe da biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus* Porto Velho - Calama, com o objetivo de atrair os alunos à biblioteca e incentivar o hábito da leitura.

Muitas discussões têm surgido sobre currículo e cultura, principalmente de como aliá-los ao conhecimento desenvolvidos na escola, buscando criar um senso crítico do mundo em que o aluno está inserido. Mas como é possível fazer uma educação de qualidade para todos, num país com tanta diversidade cultural?

Para a interlocução que realizamos, tomamos como subsídio o trabalho de Candau e Moreira (2007), que trata de currículo, conhecimento e cultura, defendem a diversificação do currículo e asseveram que a cultura deve ser um dos principais eixos das práticas pedagógicas; Sobreira (2014), que apresenta conexões entre Educação Musical e o campo do currículo; e, ainda Milanesi (2002) e Campello (2009) que refletem sobre as necessárias conexões que precisam ser estabelecidas na biblioteca escolar para o incentivo ao seu uso e valorização.

Mostramos, por meio de relatos de experiência desenvolvidos em dois ambientes escolares na cidade de Porto Velho, Rondônia, que é possível trabalhar a cultura na escola seja por meio da formação de professores de música ou por meio do trabalho de bibliotecários e auxiliares de biblioteca. Como objetivo específico procurou-se incentivar a cultura nas escolas com atividades desenvolvidas com a música (relato de experiência numa escola de educação infantil) e promover incentivo à leitura por meio de ações educativas na biblioteca (relato de experiência no Instituto Federal de Porto Velho, RO).

2 | CURRÍCULO E CURRÍCULO OCULTO

É por intermédio do currículo que se sistematizam os esforços pedagógicos, a fim

de torná-lo mais atraente, onde todos atuam para sua elaboração mesmo em diferentes níveis do processo educacional. Daí a necessidade de discussões e reflexões sobre o currículo, pois, são os eixos norteadores que orientam o ensino ofertado pelas escolas, e que são influenciados por fatores socioeconômicos, históricos, políticos e culturais. Candau e Moreira (2007) apresentam cinco tópicos que discorrem sobre o que é currículo:

(a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos; (b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos; (c) os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais; (d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino; (e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos se nos diferentes graus da escolarização (CANDAU; MOREIRA, 2007, p.18).

Ainda de acordo com os autores:

Estamos entendendo currículo como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas, por esse motivo, a palavra tem sido usada para todo e qualquer espaço organizado para afetar e educar pessoas, o que explica o uso de expressões como o currículo da mídia, o currículo da prisão etc. Nós, contudo, estamos empregando a palavra currículo apenas para nos referirmos às atividades organizadas por instituições escolares. Ou seja, para nos referirmos à escola (CANDAU; MOREIRA, 2007, p.18).

Existem também, dentro do contexto escolar, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano, como por exemplo: a arrumação das carteiras nas salas de aula, a forma de chamar a professora e as visões de família que ainda se encontram em certos livros didáticos, isso tudo se denominam “currículo oculto”. Estas práticas também fazem parte sistemática da escola e a biblioteca se insere participando diretamente dos processos educacionais, do letramento informacional dos alunos e do conhecimento que deverá ser levado para toda a vida acadêmica do discente. Assim como também as práticas da educação musical com apresentações dos alunos em dias festivos, festivais de música, projetos musicais que incentivam os alunos a praticarem o currículo oculto, que vai além do que normalmente os alunos estão acostumados a ver no dia a dia da escola (Sobreira, 2014, p. 8).

3 | CULTURA

Cultura é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc. Que são transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade (AURÉLIO, 2016, p.288). O termo cultura vem atravessando o tempo com vários significados. Primeiro como cultivo da terra no século XV; segundo como um termo de cultivo da mente humana que ganhou um caráter classista no século XVIII, pois, só as classes ricas da sociedade europeia

poderiam ter cultura, isto é o refinamento intelectual e artístico, que os caracterizavam como cultos. No século XX o termo cultura passa a abranger e incluir a cultura popular, a cultura das massas.

Fica, evidentemente, que a valorização do termo cultura, passa o sentido de bem cultural elevado da classe rica, em detrimento da cultura popular nas escolas. CANDAU e MOREIRA (2007) asseveram que:

A forma geral de vida de um dado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo. A expressão dessa concepção, no currículo, poderá evidenciar se no respeito e no acolhimento das manifestações culturais dos(as) estudantes, por mais desprestigiadas que sejam (CANDAU; MOREIRA, 2007, p.27).

Portanto, torna-se evidente que vivemos em um mundo de pluralidades culturais, da diversidade e isso deve ser vivenciado e respeitado dentro das instituições de ensino, desde os anos iniciais até a graduação. Para Candau e Moreira *apud* Stuart Hall:

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural. (CANDAU; MOREIRA, 2007, p. 20).

A pluralidade cultural possibilita, então, a renovação das práticas pedagógicas, pois a escola deve socializar todo tipo de conhecimento e facilitar o acesso dos estudantes a outros saberes e diversidades. Dentro da escola o professor de música e o bibliotecário atuam como educadores e são também agentes culturais, que tem o dever de promover e propiciar a valorização e o respeito por intermédio do currículo escolar e da cultura. De acordo com Candau e Moreira (2007, p.28) a cultura “é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura [...]”.

4 | A MÚSICA NA ESCOLA

Em decorrência a discussão sobre a diversidade cultural que existe na escola, trazemos este relato de experiência de um período de observação como professora orientadora dos alunos de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), numa escola que está localizada no centro de Porto Velho, que funciona há cinco anos e trabalha com crianças em idade pré-escolar da Educação Infantil. Os estagiários estavam no oitavo período do curso de Licenciatura em Música da UNIR, ano de conclusão. Durante o período de estágio passaram por outras escolas em etapas diferentes, mas apenas como observadores das aulas. Este relato ocorreu de agosto a dezembro de 2013. É importante ressaltar que a escola citada não possui professores na área musical, sendo o professor

polivalente ensinando todas as disciplinas para os alunos.

4.1 Um som diferente na escola!

Quando iniciamos com os alunos o processo de entrada na escola, havia certa expectativa no ar. Era a primeira vez que os alunos estagiários entrariam numa sala de aula com alunos pequenos, e para alguns seria um grande desafio.

A direção da escola, por outro lado, estava empolgada em saber que teriam alunos da universidade trabalhando música com as crianças, o que na verdade é raro de acontecer em qualquer escola neste período, pois os professores, em sua maioria, utilizam a música como um currículo oculto, e apenas a utilizam como um “enfeite” durante as aulas, ou nas programações da escola. Então havia uma grande expectativa de ambas as partes. Começamos distribuindo os alunos de acordo com suas preferências de idade nas salas, e assim iniciamos as aulas, onde cada aluno era responsável, durante uma manhã na semana, de conduzir a aula. Cada um trazia seu plano de aula e entregava a professora que, observava em alguns momentos e participava com os alunos em outros.

Eram jogos musicais, músicas e cantigas de roda, exercícios de percepção musical, histórias, demonstração dos instrumentos musicais, iniciação ao coralito (coral de crianças) e brincadeiras voltadas para o tema sugerido para a aula de educação musical.

Interessante que os alunos a cada semana estavam mais envolvidos com as aulas e já perguntavam sempre quando e que horas os alunos estagiários chegariam na escola, e além disso as crianças criaram laços emocionais muito fortes com eles, o que levavam os alunos estagiários a verem como um trabalho de educação musical na escola pode transformá-la.

Um som diferente surgia a cada encontro. Era maravilhoso ver! Durante três meses vi o desenvolvimento pedagógico de cada aluno estagiário e o deslumbramento deles em ver como a música tem um papel importante para o crescimento social, físico e emocional da criança, que mesmo em idade tão tenra já absorve com tamanha desenvoltura a música.

Ao final do período os alunos promoveram um recital de todas as turmas envolvidas no estágio o que mexeu com toda a escola, onde professores, alunos, estagiários e a comunidade estavam juntos. Ver as crianças cantando e tocando mexeu com a emoção de todos os participantes. Muitos alunos estagiários descobriram um potencial que nem eles mesmos sabiam que possuíam quanto ao ato de ensinar, quanto ao cumprir de um currículo e ao processo de construção de experiências musicais. Sei que foi um marco na vida de todos.

A análise que fazemos após este período é que mesmo diante de tantos obstáculos encontrados na escola quanto ao espaço físico que a escola não tem para realizar uma aula de educação musical, mesmo sem um professor específico para a área musical, mesmo sem interesse do Estado em promover políticas públicas para

que sejam oferecidas vagas para professores de música para esta a educação infantil, ainda sim vale a pena investir. Vale a pena ver que por meio de momentos como estes a cultura e o currículo podem ser trabalhados (mesmo sendo o currículo oculto), ensinados, apreciados pelas crianças que ainda estão em processo de formação.

Cabe, entretanto, analisar diferentes pontos que agregam este relato a fim de que haja uma reflexão quanto ao currículo e a cultura em sala de aula, que ainda precisam de melhorias quanto ao incentivo em Porto Velho. Primeiro, o conhecimento cultural de cada professor que ainda é deficiente no preparo para aulas de música. Segundo, a polivalência que sugerem ao professor da Educação Infantil que agrega um fardo pesado, pois, precisa de tempo para o preparo das várias disciplinas que lhe são atribuídas. E terceiro, o excesso de horas trabalhadas, muita das vezes em dois períodos, para uma melhoria financeira o que acarreta cansaço extremo, pois cuidar de crianças pequenas é muito mais pesado que com alunos mais velhos. Porém, nossa esperança é que por meio de posturas positivas da educação surjam novas estratégias educacionais onde professores e alunos alcancem uma educação de qualidade para o futuro.

5 | A BIBLIOTECA ESCOLAR E O INCENTIVO A LEITURA

As bibliotecas são centros culturais, “espaços de preservação do patrimônio intelectual, literário, artístico e científico das sociedades [...]” (HUBNER, 2014, p. 9), guardam a memória escrita de um povo ou de uma nação, “desde seus primórdios o homem vem procurando formas de guarda e proteger o conhecimento [...]” (MILANESI, 2002, p.33). O conhecimento humano desenvolve-se sobre o respaldo das descobertas anteriores, pois não há um conhecimento novo, sem que se conheçam os que o antecederam. Portanto, as bibliotecas por si só são espaços genuínos de incentivo ao saber, seja ele impresso, virtual ou imagético. Mas como incentivar o saber? Se vivemos em uma sociedade com graves índices de analfabetismo, ou pior, têm os que sabem ler, mas não conseguem interpretar textos mínimos, são os analfabetos funcionais.

Nos dias atuais a demanda do mercado de trabalho que busca, por profissionais que saibam não apenas ler, mas interpretar, escrever, assimilar diversos tipos de informações e dominar as tecnologias da informação. Nos últimos anos a educação brasileira se expandiu, desde, a Educação Infantil até ao Ensino Superior, mas ganhou destaque nesse período a criação e o fortalecimento dos Institutos Federais (IF), que tem por objetivo formar profissionais técnicos qualificados para o mercado de trabalho.

No estado de Rondônia existem, oito *campi* do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFRO). Dessa forma, Oliveira e Amaral (p. 2, 2012) afirmam que: “[...] nesse sentido, as bibliotecas dos *campi* dos IF atuam como agentes fundamentais na concretização da missão dos IFs, fomentando ensino, pesquisa e extensão,

necessitando adequar-se a essa realidade [...]”.

Este relato é sobre uma experiência vivida na Biblioteca do campus IFRO Porto Velho - Calama, localizada atualmente, Avenida Calama, na cidade de Porto Velho. A experiência tinha por objetivo melhorar o acervo literário da biblioteca, atrair os alunos e incentivar o hábito da leitura. CAMPELLO (2009) afirma que:

No caso do bibliotecário, a preocupação com a dinamização da leitura deve ser creditada às circunstâncias que dificultam a existência de uma relação positiva da criança e do jovem com a biblioteca. É sabido que a maioria das bibliotecas escolares, além de conviverem com uma realidade de faltas e carências, apresentam imagem de espaço sisudo, de silêncio, pouco atraente [...]. A dinamização para atrair usuários envolve duas ações específicas: transformar a biblioteca em um espaço dinâmico por meio de atividades variadas de leitura e/ou num espaço atraente, por meio de uma organização física alegre e convidativa (CAMPELLO, 2009, p. 68).

5.2 Não precisamos de livros de literatura, somos uma escola técnica!

Ao ingressarmos no IFRO em outubro de 2013, imaginamos trabalhar em uma biblioteca moderna e cheia de livros que contribuíssem com a formação de excelentes profissionais. Mas a realidade não era diferente, da já vivida e trágica rotina da grade maioria das bibliotecas escolares brasileiras. Consideradas o lugar do docente readaptado, o lugar da punição, o depósito de livro didático e outros.

Optamos primeiramente por observar a rotina da biblioteca, dos servidores e alunos, percebemos que a biblioteca era o lugar do ócio, da diversão, pois ali se namorava, fugia das aulas, jogava-se e principalmente, era um bom lugar para namoricos.

A biblioteca tinha 3.727 livros novos e alguns usados, mas o que nos surpreendeu, foi a enorme quantidade de livros didáticos usados e vencidos, na contagem da época somou-se mais de oito mil livros. Tudo isso aglomerado em um espaço minúsculo de quase 80 metros quadrados, sem mencionar os móveis e estantes que estavam no local.

Verificando o acervo, ficou evidente a falta de livros de literatura, tanto de títulos nacionais, quanto de títulos estrangeiros, havia menos de quinze obra, para atender um público de mil pessoas entre, professores técnicos e alunos.

Outra questão era o comportamento dos alunos, não existia ali uma cultura de biblioteca, tanto por parte dos alunos, quanto por parte da própria administração. Por isso a frase em destaque na abertura deste relato. Pois no instituto havia na época quase mil alunos, em sua maioria adolescentes, que nas observações realizadas adoravam ler livros de ficção científica, romances e outros. Queríamos que os alunos valorizassem a biblioteca, não apenas para estudar os livros exigidos pelos docentes, mas que cultivassem uma cultura de biblioteca. A primeira ação tomada foi sentar com a administração e falar sobre a importância da biblioteca escolar e do apoio que deveria ser dado ao equipe da Unidade de Informação. Nesse sentido queríamos

incentivar os alunos a ler, educar os alunos, comprar livros de literatura e melhorar os relacionamentos interpessoais da equipe da biblioteca, com a sua comunidade, neste caso a maioria era composta de adolescentes.

Por isso organizamos uma caixa de sugestões de títulos de livros para que fossem comprados para o acervo. Depois de uma semana de sugestões coletadas, quase 100% das sugestões era de livros de literatura, como por exemplo: Coleção Harry Potter, O mundo de Sofia, o pequeno príncipe e outro. Os alunos ficaram animados, e fomos atrás da compra, mas fomos informados que os livros de literatura, não eram prioridade do Campus e que deveriam esperar. Mas isso não nos desanimou, nosso objetivo era de nos aproximar de nossa comunidade discente e incentivar o hábito da leitura, então tivemos a ideia de organizar uma campanha de arrecadação de livros de literatura.

Estávamos entrando no mês de junho, o mês dos namorados, com o tema “Tá a fim de um romance! Doe um livro”, começamos nossos trabalhos, o primeiro passo foi espalhar poesias por toda a biblioteca.

Decoramos com corações e incentivamos a comunidade a participar da campanha, foram enviados e-mail marketing e publicações nas redes sociais.

O resultado foi um sucesso quase todas as obras da lista foram arrecadadas e no fim inserimos nos acervo mais de 240 livros de literatura. O acervo passou a ser procurado pelos alunos, atrás dos livros recebidos, ganhamos o respeito e o apoio total da administração do Campus que percebeu a importância da literatura na escola e, além disso, nossos alunos agora tinham opção para ler, o que nos deixou gratificados. De uma mera prateleira de livros agora tínhamos uma opção de mais de 250 títulos.

Como análise final dessa atividade cultural, verificamos que mesmo dentro da rede tecnológica de ensino, há uma ideia diferente do que venha ser Biblioteca Escolar e da sua importância, no incentivo a leitura. Cabe ao bibliotecário escolar, lutar para mudar essa situação, por isso as grandes campanhas com o objetivo e sensibilizar a administração, de tirar o estigma de caixa de livro das Bibliotecas Escolares e de seu potencial como centro disseminador de cultura, realizando assim a inclusão informacional desses jovens.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos relatos apresentados, vemos a necessidade de incentivar a cultura na escola, como um dos desafios ao sistema excludente e alienador que temos nos dias atuais. Torna-se necessário reafirmarmos que a diversidade cultural é a grande motivadora desta construção cultural, onde não são apenas as disciplinas ditas “prioritárias” que levam os alunos a mudarem suas atitudes quanto à vida e ao futuro.

Em um país como o Brasil, formado historicamente por culturas oriundas de diferentes países do mundo, uma delas por seres humanos escravizados, como a

cultura afro, surge a seguinte questão: será que não há espaço dentro dos currículos escolares para olhar para o outro com o mínimo de respeito? Ou se também como educadores vivenciaremos, ainda mais, a barbárie da ignorância?

A falta de respeito a cultura do outro, se torna evidente, nos grandes embates e conflitos genocidas atuais, a era da barbárie alimentada, pelo não aceitar a religião e o modo de vida do outro. Até onde iremos como sociedade, se não valorizamos as nossas peculiaridades culturais? Como apoiar um currículo excludente e sistemático, voltado exclusivamente para o mercado de trabalho? Ao apresentarmos dois breves relatos sobre atividades de incentivo a cultura pela música e pela leitura mostramos que é possível mudar esse cenário.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **N BR 10520**: informação e documentação – citações em documentos apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **N BR 6023**: informação e documentação referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. Minas Gerais. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009.

CANDAU; Vera Maria; MOREIRA. Antônio Flávio Barbosa. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

HÜBNER, Marcos Leandro Freitas. **A Biblioteca universitária na formação acadêmica: história da biblioteca central da Universidade de Caxias do Sul e sua relação com a aprendizagem e o sucesso acadêmico**. Dissertação, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/674/1/Dissertacao%20Marcos%20Leandro%20Freitas%20Hubner.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

IFRO. **Regimento Geral do IFRO**. Porto Velho, 2011. Disponível em: <http://www.ifro.edu.br/site/wpcontent/uploads/2009/04/RegimentoGeral.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2015.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Editora: São Paulo: Atelie Editora, 2002.

OLIVEIRA, Greissi Gomes; AMARAL, Roniberto Morato do. Mapeamento de processos em bibliotecas: um estudo de caso em uma biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. In: **XVII SNBU SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**, 2012, Gramado. Anais... Porto Alegre: UFRS, 2012. Disponível em: http://200.136.214.89/nit/refbase/arquivos/oliveira/2012/603_Oliveira+Amaral2012.pdf. Acesso em: 06 jan. 2016.

SOBREIRA, Silvia Garcia. Conexões entre educação musical e o campo do currículo. **Revista ABEM**. Londrina, v. 22, n. 33. 2014.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-479-5

